

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

PAOLA SANTANA CASTRO PIMENTEL

**ECONOMIA LOCAL E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE A FEIRA AGROECOLÓGICA DE MURIAÉ E A FEIRA ORGÂNICA DO
MOGICO EM JUIZ DE FORA**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2025

PAOLA SANTANA CASTRO PIMENTEL

**ECONOMIA LOCAL E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE A FEIRA AGROECOLÓGICA DE MURIAÉ E A FEIRA ORGÂNICA DO
MOGICO EM JUIZ DE FORA**

Relatório final apresentado à Universidade
Federal de Viçosa como parte das exigências
para a obtenção do título de Bacharela em
Cooperativismo.

Orientadora: Bianca Aparecida Lima Costa

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2025

PAOLA SANTANA CASTRO PIMENTEL

**ECONOMIA LOCAL E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE A FEIRA AGROECOLÓGICA DE MURIAÉ E A FEIRA ORGÂNICA DO
MÓDICO EM JUIZ DE FORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Viçosa, como parte
das exigências para a obtenção do título de
Bacharela em Cooperativismo.

APROVADA: 26 de Novembro de 2025

Assentimento:

Paola Santana Castro Pimentel

Autora

Bianca Aparecida Lima Costa

Orientadora

*A Deus, cuja presença
constante me guiou e
fortaleceu ao longo de toda
esta jornada.*

*Aos meus pais, Maria
Elizabete e Lúcio Mauro,
que, com incansável
trabalho, amor e dedicação,
tornaram possível a
realização desta conquista.*

*E às minhas irmãs, Paloma e
Pâmela, que sempre me
apoiaram e torceram por
mim.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e discernimento durante toda esta caminhada. Sua presença constante iluminou meu caminho e tornou possível cada conquista alcançada.

Agradeço profundamente à minha família, que sempre esteve ao meu lado oferecendo amor, apoio e incentivo incondicionais. Cada palavra de motivação e cada gesto de cuidado foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha professora Bianca Aparecida Lima Costa, expresso minha sincera gratidão pela dedicação, paciência e compromisso em compartilhar conhecimento. Suas orientações foram essenciais para meu crescimento acadêmico e pessoal.

À Universidade Federal de Viçosa (UFV), agradeço pela oportunidade de aprendizado e pela formação que levarei para toda a vida. Este espaço me proporcionou experiências que contribuíram de forma significativa para a construção da profissional que me torno hoje.

Agradeço ao meu companheiro, que caminhou ao meu lado em cada etapa desta jornada. Obrigada por me ouvir, me acalmar, me fortalecer e celebrar comigo cada pequena vitória. Seu amor, cuidado e torcida foram essenciais para que eu não desistisse. Sou profundamente grata por ter você comigo.

Agradeço a FAPEMIG/UFV pelo financiamento que subsidiou a pesquisa.

E, por fim, agradeço aos meus amigos, que tornaram a jornada mais leve, oferecendo companhia, apoio e palavras de encorajamento nos momentos mais desafiadores. A amizade de vocês foi um sustento importante ao longo do percurso.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as principais diferenças entre a Feira Agroecológica de Muriaé e a Feira Orgânica do Mogico, em Juiz de Fora, considerando suas dimensões organizacionais, sociais, econômicas e produtivas. A discussão baseia-se nos conceitos de Circuitos Curtos de Comercialização (CCC), entendidos como formas de aproximar produtores e consumidores, fortalecendo a transparência, a confiança e a valorização da agricultura familiar. O referencial teórico aborda ainda os princípios da produção orgânica, os sistemas de certificação vigentes no Brasil, e os fundamentos da agroecologia enquanto prática sustentável que integra saberes tradicionais e científicos. As feiras são tratadas como espaços centrais de comercialização direta, importantes para a economia local, a segurança alimentar, a sociabilidade e o fortalecimento da economia solidária. A pesquisa adota uma abordagem metodológica mista, utilizando questionários, entrevistas semiestruturadas e observação direta, tratando cada feira como estudo de caso para compreender suas formas de criação, gestão e funcionamento. Assim, o estudo busca contribuir para o entendimento do papel das feiras orgânicas e agroecológicas na promoção de alternativas sustentáveis de produção, comercialização e organização social.

Palavras-chave: Circuitos curtos de comercialização; agroecologia; produção orgânica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
3. REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	11
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
4.1 Caracterização Socioeconômica dos Municípios.....	14
4.1.1 Juiz de Fora - Minas Gerais.....	14
4.1.2 Muriaé - Minas Gerais.....	14
4.2 Caracterização das Feiras.....	15
4.2.1 Feira Orgânica do Mogico – MG.....	15
4.2.2 Feira Agroecológica de Muriaé - MG.....	17
4.3 Caracterização socioeconômica e produtiva dos feirantes.....	18
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
APÊNDICES.....	31

1. INTRODUÇÃO

Diante dos desafios ambientais e sociais contemporâneos, impõe-se a necessidade de desenvolver estratégias sustentáveis que conciliam a promoção de uma alimentação saudável, a geração de renda para comunidades em situação de vulnerabilidade econômica, o fortalecimento das relações sociais e a conservação do meio ambiente, de modo a preservar o equilíbrio ecológico em constante ameaça.

Os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) são as relações comerciais que aproximam quem consome de quem produz. Isso significa que os produtos, como frutas, verduras e outros alimentos, chegam ao consumidor de forma mais fresca, rápida e com menor custo, valorizando os pequenos produtores locais, que recebem um pagamento mais justo pelo seu trabalho. Esse modelo incentiva a proximidade entre as pessoas e torna as trocas mais transparentes e humanizadas (Darolt e Rover, 2021).

Esses circuitos também trazem benefícios para o meio ambiente, já que o transporte dos produtos é menor, reduzindo a poluição, por exemplo no consumo de combustíveis fósseis, comum no transporte dos circuitos longos. Além de fortalecer a economia local, esse modelo cria uma relação de confiança entre quem produz e quem compra. As pessoas sabem de onde vem, o que estão consumindo e podem até conhecer as histórias por trás dos produtos. Alguns exemplos de CCC são as feiras, cooperativas, mercados locais e entregas diretas ao consumidor.

A feira é um espaço tradicional de comercialização onde as pessoas compram e vendem produtos como frutas, verduras, legumes, carnes, peixes e alimentos caseiros, além de artesanatos e outros itens. São importantes para apoiar os pequenos produtores e fortalecer a economia local, já que incentivam a compra de produtos da própria região.

Existem diferentes tipos de feiras, como a feira livre, a feira orgânica, a feira agroecológica, a feira de artesanato e a feira da agricultura familiar, cada uma com suas características, quase todas com o objetivo de aproximar quem produz e quem compra.

As feiras orgânicas e agroecológicas vendem alimentos cultivados de forma sustentável, sem agrotóxicos, garantindo saúde e respeito ao meio ambiente. Esse tipo de comércio oferece alimentos frescos, muitas vezes colhidos no mesmo dia, em geral, com preços mais acessíveis, o que beneficia tanto os consumidores quanto os produtores. Além disso, são espaços de convivência, onde as pessoas se encontram, conversam, trocam histórias e aprendem sobre a origem dos alimentos, etc.

Pela legislação brasileira:

considera-se produto orgânico, seja ele in natura ou processado, aquele que é obtido em um sistema orgânico de produção agropecuária ou oriundo do processo extrativista sustentável e não prejudicial ao sistema local. Para serem comercializados, os produtos orgânicos deverão ser certificados por organismos credenciados no Ministério da Agricultura (Brasil, 2025, p.1).

Nesse contexto, embora a produção orgânica esteja vinculada a um conjunto de normas e certificações formais que garantem a conformidade do processo produtivo, a agroecologia amplia essa compreensão ao incorporar dimensões sociais, culturais e ecológicas que ultrapassam os requisitos legais.

Já quanto ao cultivo agroecológico:

É uma prática que busca integrar conhecimentos tradicionais e científicos para promover sistemas agrícolas sustentáveis, que respeitam a biodiversidade, utilizam insumos naturais, valorizam as comunidades locais e promovem a segurança alimentar sem agredir o meio ambiente (Altieri, 2012).

A investigação sobre feiras orgânicas e agroecológicas justifica-se pela relevância que esses espaços assumem na promoção da agricultura familiar, na ampliação do acesso a alimentos saudáveis e na consolidação de sistemas produtivos sustentáveis. Apesar desse papel estratégico, ainda são escassos os estudos que analisem de forma detalhada sua organização, seus desafios e suas contribuições socioeconômicas. Dessa forma, este trabalho se torna pertinente ao oferecer uma análise comparativa entre duas feiras da Zona da Mata Mineira, produzindo evidências empíricas que contribuem para o avanço do conhecimento sobre os circuitos curtos de comercialização e para a compreensão de suas potencialidades no fortalecimento da economia local e na promoção da sustentabilidade.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo, analisar as principais diferenças entre a feira Agroecológica de Muriaé em Minas Gerais e a feira Orgânica do Mogico, em Juiz de Fora, também em Minas Gerais, nas dimensões organizacionais, sociais, econômicas e produtivas.

Compreender como essas feiras foram criadas, como são organizadas, geridas, mantidas e financiadas constitui parte fundamental deste estudo. Além disso, se faz necessário conhecer a caracterização dos feirantes e analisar as principais diferenças organizacionais, sociais, econômicas e produtivas entre as feiras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como alternativa para os sistemas de mercados alimentares convencionais, surgem os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC), uma forma de distribuição que busca encurtar as distâncias entre produtores e consumidores, eliminando os atravessadores, valorizando a

economia local e criando laços de fidelidade entre quem produz e quem consome. Para Rover e Darolt (2021, p.27), “Quando um produto chega nas mãos do consumidor com informações que lhe permitam saber onde o produto foi produzido (lugar), por quem (produtor) e de que forma (sistema de produção), podemos dizer que se trata de um CCC”.

Os autores também enfatizam que as grandes transformações nos sistemas agroalimentares distanciaram produtores de consumidores, fazendo com que os consumidores criem redes agroalimentares cidadãs em busca de alimentos de qualidade, principalmente ligados a sistemas de produção orgânica e agroecológica.

Devido à crescente demanda nos mercados internacionais por produtos orgânicos certificados, no Brasil esse movimento ganhou forças na década de 1990 principalmente para atender a esta procura (Resende et al. 2023). A produção orgânica no país é regulamentada pela lei nº 10.831/2003, de 23 de dezembro de 2003, que estabelece normas para toda a cadeia de produção. Essa legislação garante que os produtos sejam cultivados sem o uso de agrotóxicos, transgênicos ou fertilizantes sintéticos. Conforme Souza e Coelho:

Certificação orgânica é o ato pelo qual um organismo de avaliação da conformidade credenciado, dá garantia por escrito de que uma produção ou um processo claramente identificados foi metodicamente avaliado e está em conformidade com as normas de produção orgânica vigentes (Souza e Coelho, 2020, p.11).

O termo “orgânico” não se refere apenas ao método de produção, mas também ao cumprimento das normas condicionais por estruturas de certificação devidamente autorizadas. Segundo Borguini e Torres (2006, p. 65), “Orgânico é um termo de rotulagem que indica que os produtos são produzidos atendendo às normas da produção orgânica e que estão certificados por uma estrutura ou autoridade de certificação devidamente constituída”.

De acordo com Santana, Gervais e Mattos (2023), no Brasil, existem três sistemas de garantia da conformidade orgânica, sendo eles:

- (1) Organização de controle social (OCS);
- (2) Sistemas Participativos de Avaliação da Qualidade Orgânica (SPGs);
- (3) Certificação por Auditoria ou terceira parte.

A OCS é um certificado de garantia concedido apenas para agricultores/as familiares organizados/as em grupos formais ou informais que realizam vendas diretas dos produtos. Estão distribuídos em 376 grupos por quase todo o Brasil (Resende et al. 2023).

De acordo com a legislação brasileira, os SPG’S são um conjunto de ações executadas dentro de uma estrutura organizacional específica. Esta estrutura funciona seguindo princípios e regras visando assegurar que o produto esteja em conformidade com as normas técnicas da

agricultura orgânica. Adicionalmente, tais sistemas requerem a execução de uma avaliação participativa (Brasil, 2009).

Segundo Souza e Coelho:

Já a certificação por Sistemas Participativos de Garantia (SPG), é um tipo de certificação participativa, onde os produtores devem estar organizados em grupos, e eles mesmos são responsáveis pela avaliação da conformidade orgânica do seu grupo. Para isso, o SPG deve estar credenciado no MAPA (Souza e Coelho, 2020, p.12).

As autoras também apontam: “A certificação por Auditoria, geralmente é realizada por uma certificadora privada, que esteja credenciada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Essa certificadora vai fazer a avaliação, orientação e certificação da produção como orgânica”. (Souza e Coelho, 2020, p.12).

Os produtos certificados orgânicos atualmente têm sido uma alternativa para a crescente preocupação dos consumidores em relação à segurança alimentar, preservando a saúde e contribuindo com a sustentabilidade ambiental. De acordo com Borguini e Torres:

Os alimentos orgânicos possuem menores níveis de resíduos de pesticidas ou, simplesmente, não contêm quantidades detectáveis de tais resíduos. Porém, a escassez de dados sobre a presença de resíduos de pesticidas em alimentos produzidos organicamente não permite conclusões definitivas para estabelecer alguma diferença entre alimentos orgânicos e convencionais (Borguini e Torres, 2006, p.72).

A certificação é um poderoso instrumento que assegura que os produtos orgânicos seguem os padrões exigidos, além de garantir que foram produzidos de forma ética e sustentável, aumentando a confiança e credibilidade dos consumidores. Segundo Souza e Coelho (2020, p.14) “A certificação agrega valor ao produto, pois identifica um produto com qualidade diferenciada, o que permite a entrada em novos mercados”.

Além disso, existe a produção agroecológica que integra conhecimentos e saberes tradicionais a fim de promover práticas mais sustentáveis. Os produtos agroecológicos não necessitam de certificação, uma vez que é também um movimento social e político que busca regenerar os recursos naturais, respeitando a biodiversidade e promovendo o equilíbrio natural. Para Dubeux e Batista (2017), a agroecologia, assim como a economia solidária, contribuem para o restabelecimento dos vínculos destruídos pelo capitalismo responsável por um modelo de agricultura destruidor dos ecossistemas locais. As autoras ainda afirmam que:

Assim, consideramos como fundamental a articulação da agroecologia e da economia solidária para a construção de mercados econômicos solidários em que a centralidade é o Direito Humano à Alimentação a partir de uma perspectiva da soberania e segurança alimentar e nutricional. (Dubeux e Batista, 2017, p.245)

A agroecologia fortalece a capacidade das comunidades rurais de produzir

alimentos de forma sustentável, diversificada e culturalmente apropriada, contribuindo para a soberania alimentar e a autonomia dos agricultores (Guerrero et al, 2020).

Rover e Darolt (2021, p.29) mencionam a existência de pontos em comum entre agroecologia e CCC, segundo os autores: “Quando falamos em CCC e agroecologia, observamos que um dos pontos em comum é que a maioria dos agricultores se enquadram na categoria da agricultura familiar, estando na fase de transição agroecológica ou certificados como orgânicos”.

As feiras são um exemplo clássico dos Circuitos Curtos de Comercialização (CCC), por promoverem práticas de desenvolvimento local sustentáveis. Segundo Coelho, Rocha e Gonçalves (2018), as feiras livres estão presentes na maioria das cidades brasileiras e contribuem significativamente para a geração de renda e a circulação de mercadorias produzidas tanto no campo quanto na cidade.

Costa, Santos e Priore (2019) afirmam que as feiras são espaços que promovem o acesso aos mercados e a aproximação de produtores(as) e consumidores(as), especialmente em níveis locais. Essas estratégias contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar, a economia solidária e a agroecologia. Essas experiências têm se ampliado em diferentes espaços e potencializam não só a organização econômica, como também a segurança alimentar e nutricional, o comércio justo e o consumo solidário.

Para mais, os autores Pereira, Brito e Pereira (2017) destacam que por mais que haja tentativas de se implementar novos mercados para a agricultura familiar, é notória a importância da feira-livre enquanto tradicional meio de trocas, materiais e imateriais.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

A pesquisa adota uma abordagem mista, combinando os métodos qualitativos e quantitativos, com intuito de compreender as diferenças entre a Feira Agroecológica de Muriaé e a Feira Orgânica do Mogico em aspectos organizacionais, sociais, econômicos e produtivos. Essa escolha permite tanto combinar a análise de dados numéricos quanto analisar as percepções e vivências de cada feirante.

A abordagem qualitativa foca em entender aspectos subjetivos, motivações e desafios enfrentados pelos feirantes e organizadores. Esta abordagem possui características únicas, empregando o texto descritivo, crítico e reflexivo como meio de realizar análises e apresentar resultados. Nesta perspectiva, os estudiosos que a empregam se dedicam a estruturar as narrativas, relatos de experiências e vivências, fornecidos pelos participantes (Mattos, 2024).

Por meio das entrevistas e observações, é possível explorar os significados e percepções relacionados às feiras.

Já a pesquisa quantitativa é centrada em informações numéricas e objetivas, que podem ser medidas e analisadas de forma estatística como: Levantar o perfil socioeconômico dos feirantes (idade, escolaridade, etc) e identificar padrões de produção e comercialização (volume de produção dos feirantes, tipo de produto, certificações) obtidas pelos questionários aplicados. Esses dados permitem comparações e identificação de padrões entre as feiras.

O presente estudo possui caráter exploratório, pois busca investigar e compreender um tema pouco conhecido, com o objetivo de gerar *insights* iniciais que possam contribuir para a formulação de hipóteses e novas ideias, conforme apontado por Creswell (2007). Em vez de confirmar hipóteses específicas, busca levantar informações iniciais e descrever as características e dinâmicas das feiras, permitindo identificar diferenças e semelhanças.

Cada feira foi analisada como um estudo de caso, uma abordagem que possibilita uma análise minuciosa de uma situação particular, seja ela uma organização, um grupo ou um evento. Neste estudo, as feiras foram consideradas unidades de análise, permitindo uma compreensão mais aprofundada de seu funcionamento, seus contextos e os elementos que afetam sua operação. O estudo de caso auxilia na identificação das particularidades de cada feira, além de possibilitar a posterior sua comparação, evidenciando as diferenças e semelhanças entre elas de maneira clara e direta.

A coleta de dados foi realizada diretamente nas feiras, com a aplicação de questionários, entrevistas e observação sistemática, garantindo proximidade com os participantes e as práticas do dia-a-dia.

O estudo foi realizado, como mencionado anteriormente, em duas feiras localizadas no estado de Minas Gerais. No dia 23/03/2024, foi realizada a visita na Feira Orgânica do Mogico em Juiz de Fora e, em 10/04/2024, foi realizada a visita na Feira Agroecológica de Muriaé.

Durante as visitas realizadas, foram utilizados dois instrumentos principais para a coleta de dados: questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de obter informações detalhadas e diversificadas sobre os feirantes e a gestão das feiras. Os questionários estruturados foram aplicados diretamente aos feirantes e abordaram aspectos relevantes para o estudo, organizados em três principais categorias: Perfil socioeconômico (idade, escolaridade, renda, tempo de atuação); Métodos de produção (se utilizam práticas orgânicas ou agroecológicas, certificações, volume de produção); Percepções sobre os desafios, oportunidades e melhorias necessárias para as feiras.

Também foram realizadas entrevistas Semi Estruturadas com lideranças e organizadores da feira, visando compreender o processo de criação, histórico e motivação para a fundação, a gestão, organização interna, parcerias e estratégias de funcionamento, os desafios enfrentados e os obstáculos administrativos, sociais e econômicos. Esse formato de entrevista possibilita flexibilidade para os entrevistados exporem suas ideias dentro de um roteiro previamente definido.

A utilização de questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas complementou a coleta de dados ao combinar informações mensuráveis e interpretações subjetivas. Essa estratégia garantiu a abrangência necessária para atingir os objetivos do estudo, possibilitando uma análise tanto detalhada quanto comparativa entre as duas feiras.

Além das entrevistas, foi realizado um registro fotográfico, com o objetivo de documentar visualmente aspectos importantes das feiras. As fotografias capturaram a organização dos espaços, evidenciando como os produtos são expostos e os *layouts* das bancas; os produtos ofertados, destacando a diversidade e qualidade dos itens comercializados; as interações entre feirantes e consumidores, ilustrando a dinâmica social e comercial das feiras. Esse recurso complementou os dados obtidos, proporcionando uma representação visual que enriqueceu a análise e facilitou a compreensão das particularidades de cada feira.

Em relação à análise de dados foram utilizadas três abordagens:

1. Análise Quantitativa: as respostas dos questionários foram tabuladas no *Google forms* e gerados na planilha do *Excel*, sendo analisadas em tabelas e gráficos, facilitando a identificação de padrões e comparações entre as feiras.
2. Análise Qualitativa: As informações das entrevistas e observações foram organizadas em categorias temáticas no programa *Atlas TI*, como organização das feiras, impacto social, desafios econômicos e métodos produtivos.
3. Comparação entre as Feiras: Com base nos dados qualitativos e quantitativos, foram realizadas comparações entre as feiras para destacar suas diferenças e semelhanças em todas as dimensões analisadas.

Para garantir a confiabilidade da pesquisa, foi utilizada a triangulação de dados, combinando informações das entrevistas, questionários e observações. Essa abordagem assegurou que os dados fossem consistentes e refletissem de forma fiel a realidade das feiras. Com essa metodologia, foi possível explorar as características únicas de cada feira e compreender como elas diferem nos aspectos organizacionais, sociais, econômicos e produtivos.

Esta pesquisa faz parte do projeto “Agroecologia e Sistemas Agroalimentares Localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Vale ressaltar que todos os participantes concordaram com os termos do Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) nº 6.760.478 da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresenta e analisa os resultados obtidos ao longo da pesquisa, buscando evidenciar os principais aspectos observados no desenvolvimento das atividades da feira e na dinâmica estabelecida entre seus participantes. Conforme destacam Rover e Darolt (2021), os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) são estruturas que aproximam produtores e consumidores, fortalecendo relações de confiança e valorizando a agricultura familiar. A partir das informações levantadas em campo, foi possível identificar elementos que revelam a organização interna do espaço, as práticas adotadas pelos feirantes. Os dados reunidos permitem compreender, de forma abrangente, como a feira se estrutura e quais processos orientam seu funcionamento.

4.1 Caracterização Socioeconômica dos Municípios

A seção a seguir apresentará os dados referentes aos municípios de Muriaé e Juiz de Fora, com o objetivo de contextualizar o cenário no qual a pesquisa se desenvolve. Serão descritas as principais características de cada município, bem como os elementos que os diferenciam e que contribuem para a compreensão do contexto local.

4.1.1 Juiz de Fora - Minas Gerais

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, apresentava uma população de 540.576 habitantes. Em relação à economia, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita anual registrado em 2021 foi de R\$35.145,34, evidenciando a relevância econômica da cidade na região.

Além dos dados econômicos, é fundamental analisar os indicadores sociais, especialmente nas áreas de educação e saúde. Segundo o IBGE (2022), a taxa de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos era de 98,3% em 2010. O Índice de

Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) era de 0,778 em 2010, classificando Juiz de Fora em uma posição considerada alta em relação a outras cidades do país, refletindo avanços significativos em educação, renda e saúde. No que se refere à saúde, a mortalidade infantil era de 12,3 óbitos por mil nascidos vivos, indicando uma cobertura razoável dos serviços de atenção básica e programas preventivos, como vacinação e acompanhamento pré-natal, que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população.

Apesar desses avanços, é essencial que políticas públicas continuem a ser implementadas para reduzir desigualdades sociais e regionais, promover a inclusão digital nas escolas, ampliar programas de formação e qualificação de professores, e fortalecer ainda mais o sistema de saúde municipal, garantindo acesso equitativo a serviços de qualidade para toda a população.

4.1.2 Muriaé - Minas Gerais

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município de Muriaé, em Minas Gerais, apresentava uma população de 104.108 habitantes. Em relação à economia, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita anual registrado em 2021 foi de R\$24.137,53, portanto menor que o de Juiz de Fora.

Além dos dados econômicos, é essencial considerar os indicadores sociais, especialmente na área de educação, no município de Muriaé, Minas Gerais. De acordo com o IBGE (2022), a taxa de escolarização de crianças entre 6 e 14 anos era de 97,3% em 2010, demonstrando um alto nível de inclusão escolar nessa faixa etária. No mesmo ano, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Muriaé foi de 0,734, um valor também classificado como alto, indicando avanços significativos nas áreas de saúde, educação e renda.

4.2 Caracterização das Feiras

As feiras constituem espaços fundamentais de comercialização direta, conforme afirmam Coelho, Rocha e Gonçalves (2018), ao destacarem seu papel na dinamização econômica e na preservação de tradições socioculturais. Esses elementos aparecem de forma distinta nas duas feiras analisadas, revelando diferentes formas de organização e consolidação dos CCC na região da Zona da Mata Mineira

4.2.1 Feira Orgânica do Mogico – MG

A Feira Orgânica do Mogico, localizada em Juiz de Fora (MG), teve origem por volta de 2010, a partir da mobilização de pais da Escola Waldorf, interessados em promover uma alimentação saudável e sustentável. O grupo iniciou suas atividades com compras coletivas de produtos orgânicos, o que posteriormente resultou na organização de uma pequena feira em frente à instituição de ensino. Com o fortalecimento da iniciativa e o envolvimento de novos produtores locais, a associação foi formalmente constituída em 12 de novembro de 2013, contando com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER) e com ampla participação da sociedade civil.

Atualmente, a Feira Orgânica do Mogico possui 4 agricultores e é realizada na Praça Bom Pastor, onde se consolidou como um espaço de referência na comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos no município. Há uma coordenação e uma pessoa que atua como gerente de feira e representante da associação. O grupo busca fomentar a agricultura orgânica local e incentivar o consumo consciente. Embora 70% dos produtos comercializados ainda sejam provenientes de outras regiões, especialmente do estado de São Paulo, em razão de limitações produtivas e logísticas, observa-se um esforço contínuo para ampliar a participação de agricultores locais e fortalecer os circuitos curtos de comercialização.

Com a finalidade de apresentar uma demonstração visual do ambiente e das práticas desenvolvidas na feira orgânica, são exibidas, a seguir, fotografias registradas em 23 de março de 2024. As imagens foram capturadas durante a realização das entrevistas presenciais com os feirantes.

FIGURA 1 - Produtos da Feira Orgânica do Mogico



Fonte: Arquivo pessoal

FIGURA 2- Feira Orgânica do Mogico Juiz de Fora



Fonte: Arquivo pessoal

Nos últimos anos, a gestão da feira passou por um processo de transição, deixando de ser totalmente autogestionada para integrar o sistema de feiras regulamentadas pela Prefeitura de Juiz de Fora, por meio de editais públicos. Essa mudança trouxe novos desafios à organização, sobretudo no que se refere à manutenção da identidade e da autonomia do grupo. Apesar disso, a Feira Orgânica do Mogico mantém sua relevância como uma iniciativa que alia economia solidária, sustentabilidade e valorização da agricultura familiar, contribuindo para o fortalecimento da agroecologia e para a promoção de práticas alimentares mais sustentáveis no contexto urbano.

4.2.2 Feira Agroecológica de Muriaé - MG

A Feira Agroecológica de Muriaé foi instituída em 2018, resultando de uma articulação entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), a Cooperativa de Agricultores Familiares (COPAF), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). O movimento, entretanto, tem suas origens em 2012, quando foram ofertados cursos do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo) voltados à produção agroecológica, conforme definidos por Altieri (2012), como a valorização dos saberes tradicionais, a gestão coletiva, o uso de insumos naturais e a preservação da biodiversidade. O modelo baseado na autogestão e na participação democrática dos agricultores reafirma o papel transformador da agroecologia na construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis, os quais contribuíram para a capacitação de agricultores familiares da região. Após experiências iniciais com a comercialização de cestas

e feiras esporádicas, o grupo consolidou sua atuação no pátio da Igreja da Barra e, posteriormente, na Praça do Trabalhador, configurando-se como um relevante espaço de comercialização e valorização da agricultura familiar local.

Com o intuito de oferecer uma demonstração visual do ambiente e das práticas realizadas na Feira Agroecológica de Muriaé, apresenta-se, a seguir, uma fotografia registrada em 10 de abril de 2024. O registro foi feito durante a visita na feira para a realização das entrevistas.

FIGURA 3- Feira Agroecológica de Muriaé



Fonte: Arquivo pessoal.

Atualmente, a feira conta com a participação de aproximadamente 12 famílias agricultoras, responsáveis pela produção de alimentos agroecológicos, sendo que parte delas integra o Sistema Participativo de Garantia (SPG) Floriô.¹ A inserção dos feirantes está condicionada à participação em cursos de formação oferecidos pelo Instituto Federal e a gestão é realizada de forma autônoma e coletiva pelos próprios agricultores, o que dialoga com Dubeux e Batista (2017), ao mostrarem que práticas agroecológicas articuladas à economia solidária fortalecem a autonomia produtiva e os laços sociais entre agricultores.

Cada participante contribui com 5% do valor das vendas para um fundo comum destinado à manutenção das estruturas, aquisição de materiais e fortalecimento das atividades do grupo. As decisões são tomadas de maneira participativa, por meio de reuniões e intercâmbios que favorecem o compartilhamento de saberes e o fortalecimento comunitário.

Entre os principais desafios enfrentados pelo grupo, destacam-se a necessidade de ampliação da diversidade de produtos ofertados, a melhoria das embalagens e da rotulagem, a redução do uso de plásticos, bem como questões logísticas e de divulgação. Apesar dessas limitações, a Feira Agroecológica de Muriaé constitui-se como um importante espaço de

¹ O SPG Floriô (Sistema Participativo de Garantia), é um coletivo formado por fornecedores e colaboradores que se organizam em grupos e estão comprometidos com a certificação orgânica na região da Zona da Mata, em Minas Gerais. Fundado oficialmente em 2021 com a criação da Associação de Agricultura Orgânica e Agroecologia da Zona da Mata (OPAC do SPG Floriô). Fonte: <https://floriô.org.br>.

organização social, geração de renda e promoção de práticas sustentáveis. Sua atuação contribui significativamente para o fortalecimento da agroecologia e para o estreitamento das relações entre produtores e consumidores, promovendo a valorização da agricultura familiar e a construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis no município de Muriaé.

4.3 Caracterização socioeconômica e produtiva dos feirantes

No que se refere à caracterização socioeconômica dos feirantes, observou-se uma significativa diversidade de perfis entre os participantes dos circuitos curtos de comercialização, considerando aspectos como gênero, cor, escolaridade e local de residência. Na Feira do Mogico, em Juiz de Fora, constatou-se a participação de três respondentes, sendo um homem e duas mulheres, evidenciando uma presença majoritária feminina. Já na Feira Agroecológica de Muriaé, o grupo é composto por 11 participantes, dos quais cinco são mulheres e seis são homens, demonstrando uma distribuição relativamente equilibrada entre os gêneros. Essa heterogeneidade reflete a pluralidade social e cultural presente nas iniciativas agroecológicas e a importância da participação de diferentes perfis sociais na consolidação desses espaços de produção e comercialização sustentáveis.

Considerando o aspecto étnico-racial, constatou-se que, na Feira do Mogico, 33,3% dos feirantes se autodeclararam pretos e 66,6% brancos. Na Feira Agroecológica de Muriaé, por sua vez, 63,6% dos participantes se identificaram como brancos e 36,4% como pardos.

Após a caracterização de gênero e raça/cor dos feirantes, apresenta-se a seguir a análise referente à faixa etária dos participantes da pesquisa. Essa variável é relevante para compreender o perfil demográfico dos agricultores envolvidos nas iniciativas de comercialização agroecológica, permitindo observar a predominância de determinadas faixas etárias e sua relação com o tempo de inserção e experiência nas atividades produtivas.

A análise das faixas etárias dos feirantes evidencia diferenças significativas entre as duas iniciativas estudadas. Na Feira do Mogico, observa-se uma predominância de participantes nas faixas de 40 a 50 anos (33,3%) e de 60 a 70 anos (66,7%), o que indica uma presença expressiva de agricultores com maior tempo de experiência e trajetória consolidada na atividade. Em contrapartida, na Feira Agroecológica de Muriaé verifica-se uma distribuição etária mais heterogênea, com maior concentração entre 50 e 60 anos (36,4%), seguida pelas faixas de 40 a 50 anos (27,3%), 30 a 40 anos (18,2%), 60 a 70 anos (9,1%) e 70 a 80 anos (9,1%). Essa diversidade etária sugere que, enquanto o Mogico se caracteriza por um grupo mais maduro e estabilizado na prática orgânica, a feira de Muriaé apresenta um

perfil mais plural, reunindo agricultores em diferentes estágios de inserção e consolidação nos circuitos curtos de comercialização.

Em relação ao nível de escolaridade dos feirantes evidencia distinções significativas entre as duas feiras investigadas, refletindo diferentes contextos socioculturais e trajetórias de formação. Na Feira do Mogico, observa-se um perfil educacional mais elevado, composto por 33,3% dos participantes com ensino médio completo, 33,3% com ensino superior incompleto e 33,3% com ensino superior completo. Tal distribuição indica a presença de agricultores com maior grau de escolarização, o que pode estar associado à localização urbana da feira, à proximidade com instituições de ensino

Por outro lado, na Feira Agroecológica de Muriaé, verifica-se um predomínio de níveis de escolaridade mais básicos. Entre os participantes, 45,5% possuem ensino fundamental incompleto, 27,3% ensino fundamental completo, 9,1% ensino médio incompleto, 9,1% ensino médio completo e apenas 9,1% ensino superior incompleto. Esses dados evidenciam um grupo majoritariamente composto por agricultores familiares cuja formação escolar é limitada, refletindo, em parte, os desafios históricos de acesso à educação formal nas zonas rurais brasileiras.

De modo geral, constata-se que a Feira do Mogico reúne um público com maior capital educacional, possivelmente vinculado a trajetórias urbanas. Por sua vez, a Feira Agroecológica de Muriaé expressa um perfil mais tradicional da agricultura familiar, em que o conhecimento empírico e a experiência prática se destacam como elementos centrais na condução das atividades produtivas e comerciais.

No que se refere ao local de residência dos feirantes, constatou-se que, na Feira do Mogico, dois dos três entrevistados residem em Juiz de Fora, enquanto apenas um mora no município de Piau. Já na Feira de Muriaé, observou-se uma predominância de participantes residentes no próprio município, totalizando nove dos onze entrevistados. Os demais feirantes são oriundos de localidades próximas como Barão do Monte Alto

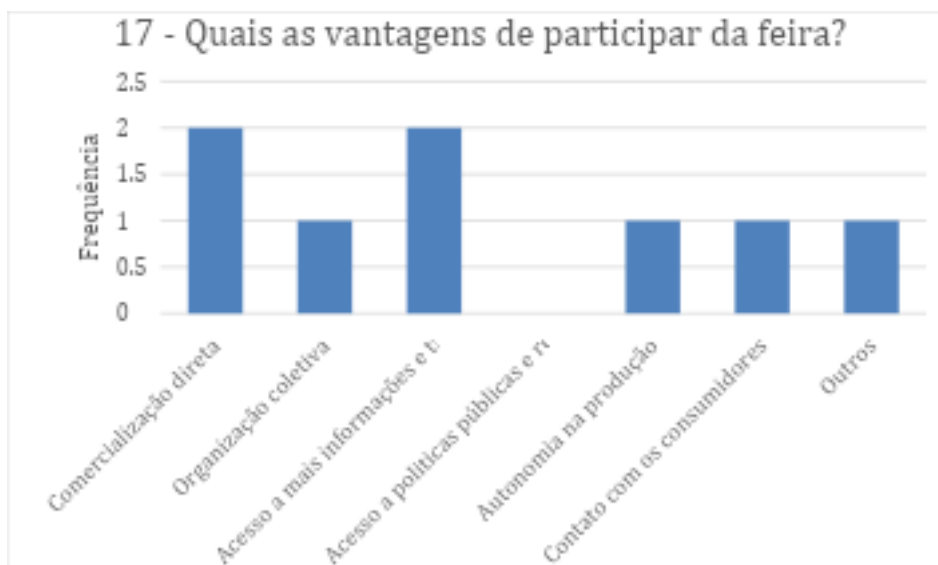
Sobre a produtividade, constatou-se que, na Feira do Mogico, os três entrevistados comercializam produtos hortifrutigranjeiros, sendo que um deles também atua na venda de alimentos processados, ampliando a diversidade e o valor agregado de sua produção. Já na Feira de Muriaé, todos os onze entrevistados comercializam hortifrutis, e quatro deles também oferecem alimentos processados. Essa diferença revela que, embora ambas as feiras priorizem a venda de produtos *in natura*, a Feira de Muriaé apresenta maior diversificação produtiva, o que pode estar relacionado ao número superior de feirantes e à consolidação do espaço como importante canal de comercialização e valorização da agricultura local.

No que se refere ao tempo de participação dos feirantes nas respectivas feiras, observou-se diferenças significativas entre os dois grupos analisados. Na Feira de Muriaé, os dados revelam maior diversidade de tempo de atuação, com feirantes que participam há períodos que variam de um a dez anos. A maior concentração encontra-se na faixa de seis a sete anos, que representa 36,4% dos entrevistados, seguida pelas faixas de zero a um ano, com 18,2%. Esse cenário indica que a feira apresenta um equilíbrio entre participantes mais antigos e novos, o que pode contribuir para a continuidade das práticas de comercialização e para a integração de novos produtores no espaço.

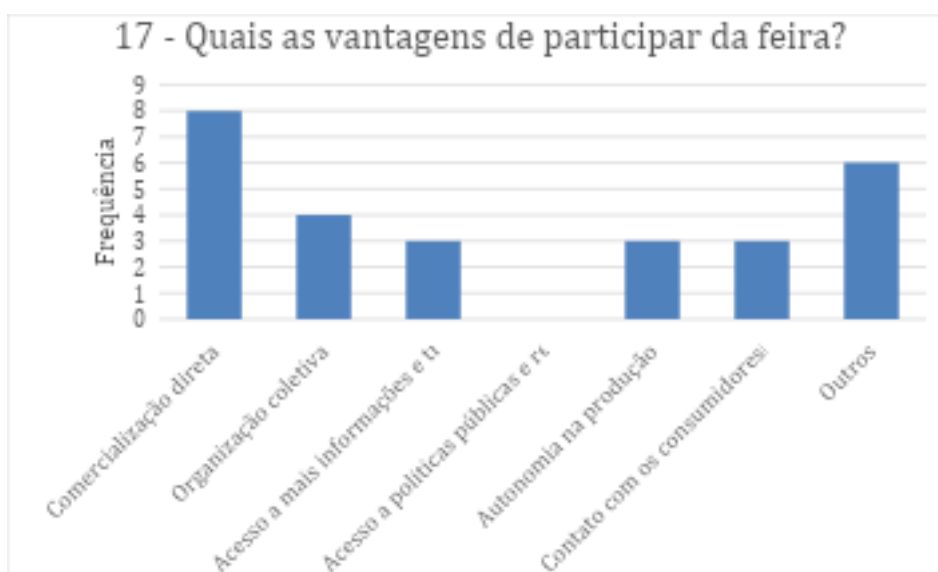
Por outro lado, na Feira do Mogico, os resultados apontam uma composição mais restrita em relação ao tempo de atuação. Entre os três entrevistados, um participa da feira há cinco anos a seis anos, outro no período entre seis e sete anos e o terceiro há mais de dez anos, evidenciando um grupo de feirantes com trajetória mais consolidada. Esse dado sugere que a feira é composta majoritariamente por produtores experientes, com vínculo duradouro com o espaço e possivelmente com uma clientela já fidelizada.

Todos os entrevistados das feiras estudadas afirmaram participar da organização dos eventos, declarando também que atenderam a critérios específicos para integrar as feiras. Essa participação indica não apenas um envolvimento ativo dos feirantes na gestão das feiras, mas também sugere que os critérios estabelecidos funcionam como mecanismos de seleção e manutenção da qualidade e do comprometimento dos participantes.

Para compreender de maneira mais aprofundada a percepção dos feirantes acerca dos benefícios e desafios decorrentes da participação nas feiras analisadas, foram levantadas as principais vantagens e desvantagens mencionadas pelos entrevistados. As Tabelas 1 e 2 apresentam as respostas referentes às vantagens, enquanto as Tabelas 3 e 4 reúnem as desvantagens identificadas nas feiras do Mogico e de Muriaé, respectivamente.

Gráfico 1 - Quais as vantagens de participar da feira do Mógico?

Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 2 - Quais as vantagens de participar da feira de Muriaé?

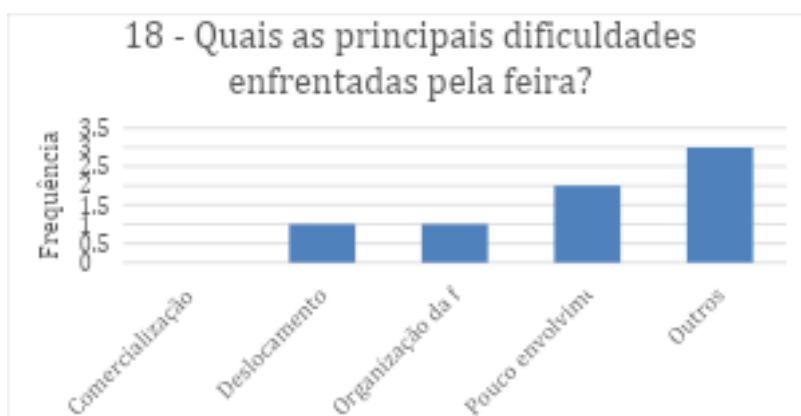
Fonte: Elaboração Própria

A análise dos gráficos 1 e 2 demonstra que os feirantes das duas iniciativas reconhecem diferentes vantagens em participar das feiras. Na Feira do Mógico, destacam-se a comercialização direta e o acesso a informações e trocas de saberes, mencionadas por dois participantes cada. Também foram apontadas, em menor proporção, a organização coletiva, a autonomia na produção e o contato com os consumidores(as). Esses resultados indicam que a feira contribui, ainda que de forma mais limitada, para o fortalecimento da produção local e para o intercâmbio de conhecimentos entre os participantes. Na Feira de Muriaé, observa-se

um maior número de respostas e maior diversidade nas vantagens percebidas. A comercialização direta aparece como o principal benefício, citada por oito feirantes, seguida da organização coletiva, do acesso a informações e trocas de experiências, da autonomia produtiva e do contato com os consumidores(as). Além disso, seis feirantes mencionaram outros aspectos positivos, como renda, divulgação, retorno financeiro, saúde mental e fortalecimento de vínculos sociais.

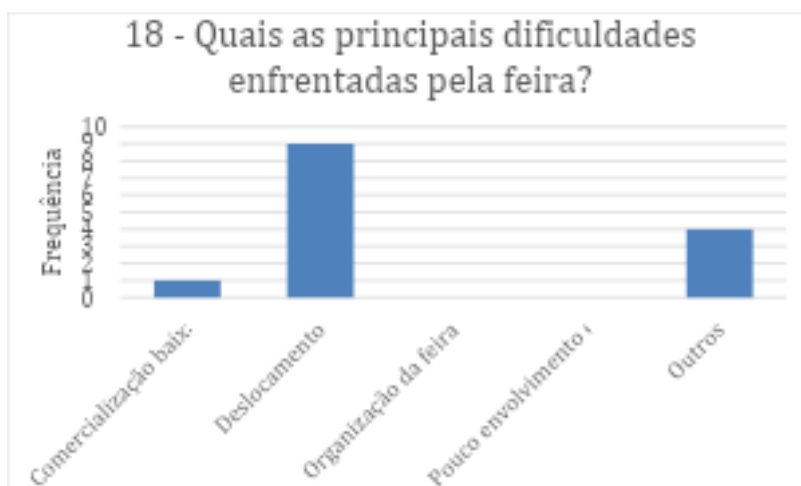
Os resultados sobre as vantagens percebidas nas duas feiras se conectam ao que Darolt e Rover (2021) apontam como benefícios centrais dos CCC: fortalecimento do vínculo produtor e consumidor, incremento da renda e valorização do trabalho familiar.

GRÁFICO 3 - Quais as principais dificuldades enfrentadas para participar da feira do Mogico?



Fonte: Elaboração Própria

GRÁFICO 4 - Quais as principais dificuldades enfrentadas para participar da feira de Muriaé?



Fonte: Elaboração Própria

No que se refere às dificuldades enfrentadas, os gráficos 3 e 4 mostram que os desafios variam conforme o contexto de cada feira. Na Feira do Mogico, as limitações relatadas concentram-se no pouco envolvimento dos feirantes na organização, mencionado por dois participantes, e na organização da feira, citada por um entrevistado, conforme discutido por Souza e Coelho (2020) em relação ao mercado orgânico formal. Além disso, três feirantes apontaram outras dificuldades, não especificadas, o que sugere desafios diversos de ordem prática ou operacional. Esses dados indicam a necessidade de maior engajamento coletivo e aprimoramento na gestão interna.

Já na Feira de Muriaé, observa-se que o principal obstáculo é o deslocamento até o local da feira, apontado por nove participantes, seguido de outras dificuldades, mencionadas por quatro feirantes, e de baixa comercialização, citada apenas uma vez. Não foram registradas queixas sobre a organização da feira, o que sugere um modelo mais consolidado de gestão e articulação entre os participantes.

De forma geral, os resultados indicam que a Feira de Muriaé apresenta maior estabilidade e fortalecimento institucional, enquanto a Feira do Mogico ainda enfrenta limitações organizativas e de engajamento dos produtores. Tais diferenças refletem distintos estágios de maturidade das iniciativas e evidenciam a importância do apoio técnico e institucional para a sustentabilidade das feiras agroecológicas.

Dando continuidade à caracterização dos feirantes e às condições de produção, a seguir são apresentados os dados referentes à estrutura fundiária e à área efetivamente utilizada para cultivo nas feiras analisadas.

Na Feira do Mogico os entrevistados informaram possuir áreas superiores a 10 hectares. Entretanto, ao analisar a área efetivamente utilizada para produção, observou-se variação: um entrevistado declarou utilizar entre 2 e 4 hectares, outro entre 4 e 10 hectares, e o terceiro afirmou utilizar mais de 10 hectares.

Na Feira de Muriaé, a distribuição das propriedades entre os entrevistados apresentou maior diversidade. Quatro dos onze feirantes declararam possuir áreas superiores a 10 hectares, três possuem propriedades entre 4 e 10 hectares, um de 0,5 a 1 hectare, outro de 1 a 2 hectares, mais um de 2 a 4 hectares, e um não forneceu informação sobre a extensão de sua propriedade.

Ao analisar a área efetivamente utilizada para produção, observou-se variação semelhante: quatro entrevistados declararam utilizar entre 4 e 10 hectares, três utilizam de 1 a 2 hectares, um até 0,5 hectare, outro de 0,5 a 1 hectare, mais um utiliza de 2 a 4 hectares, e um não forneceu informação sobre sua área produtiva.

Essa diferença entre a extensão total da propriedade e a área destinada à produção evidencia que nem toda a terra disponível é necessariamente cultivada, podendo refletir fatores como diversificação de atividades, uso de áreas para preservação ambiental ou infraestrutura, ou ainda limitações de recursos e mão de obra para expandir a produção.

Na Feira do Mógico, todos os entrevistados declararam que sua produção é orgânica, sendo exigida a devida certificação para participação no evento, o que confirma o modelo descrito por Souza e Coelho (2020), segundo os quais a certificação funciona como um mecanismo formal de garantia da qualidade e da conformidade produtiva. Quanto ao tipo de certificação, dois produtores são validados pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG), enquanto um possui certificação por meio de Auditoria. Em relação ao tempo de produção de produtos orgânicos, dois entrevistados relataram experiência superior a cinco anos, e um, superior a vinte anos.

Esses dados indicam não apenas a consolidação da produção orgânica entre os feirantes, mas também a relevância dos diferentes sistemas de certificação para garantir a confiança dos consumidores. Ademais, a experiência prolongada dos produtores sugere um conhecimento consolidado em práticas sustentáveis, o que contribui para a manutenção da qualidade e da credibilidade da feira.

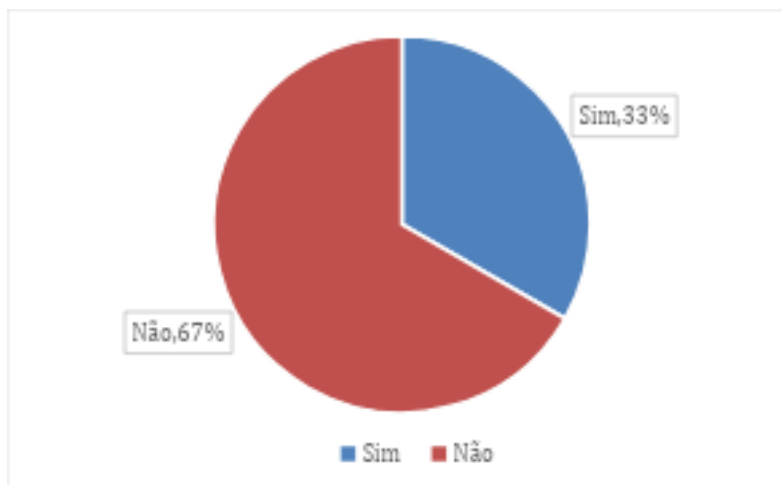
Na Feira Agroecológica de Muriaé, todos os entrevistados (100%) declararam que sua produção se alinha aos princípios agroecológicos apresentados por Altieri (2012), priorizando manejo sustentável, insumos naturais e diversidade produtiva. Entretanto, quanto à certificação, os onze participantes informaram não possuir qualquer tipo de validação formal, à época da pesquisa, porém alguns foram recentemente certificados.

Em relação ao tempo de produção de produtos agroecológicos, seis entrevistados relataram experiência superior a vinte anos, dois possuem mais de dez anos, um informou mais de quinze anos, outro mais de cinco anos, e um declarou atuar entre um e três anos.

Esses dados evidenciam a presença de produtores com longa experiência em práticas agroecológicas, o que contribui para a qualidade e a credibilidade dos produtos mesmo na ausência de certificação formal. Além disso, reforça o caráter comunitário baseado na confiança da feira, destacando o conhecimento acumulado como elemento central para a sustentabilidade e manutenção das práticas produtivas.

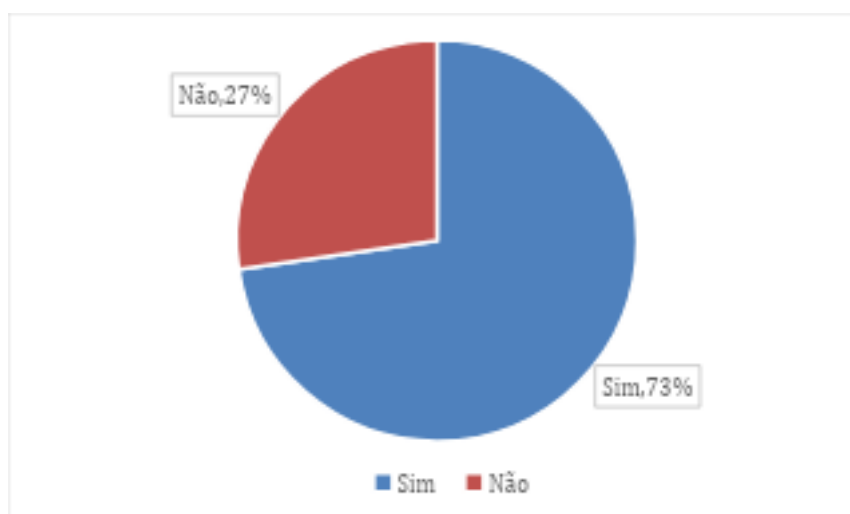
Em relação à atividade desenvolvida na feira e sua principal fonte de renda, observa-se, por meio do gráfico, a distribuição das respostas dos entrevistados.

Gráfico 5 – A atividade desenvolvida na feira do Mogico é sua principal fonte de renda?



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 6 – A atividade desenvolvida na feira de Muriaé é sua principal fonte de renda?



Fonte: Elaboração própria

A comparação entre as duas feiras evidencia diferenças significativas no papel econômico que a participação na feira exerce para os feirantes. Na Feira do Mogico, apenas 33% dos entrevistados indicaram que a feira constitui sua principal fonte de renda, enquanto a maioria (67%) depende de outras atividades econômicas. Por outro lado, na Feira de Muriaé, 73% dos feirantes apontaram a feira como sua principal fonte de sustento, indicando uma maior dependência econômica das atividades realizadas nesse espaço, esse cenário se alinha ao que Costa, Santos e Priore (2019) observam sobre a importância das feiras para a economia local e para a permanência das famílias no campo.

Essas diferenças podem refletir distintos perfis produtivos e contextos socioeconômicos: enquanto a feira do Mogico pode contar com produtores que realizam a atividade de forma complementar, a feira de Muriaé parece abrigar feirantes cuja produção agroecológica representa a principal atividade econômica. Além disso, tal contraste pode influenciar o grau de dedicação, investimento e inovação dos participantes, bem como a sustentabilidade e estabilidade das feiras em cada contexto.

Por fim, vale a pena ressaltar que em relação a outros canais de comercialização, nove dos onze feirantes da Feira de Muriaé informaram possuir esses canais, enquanto apenas dois declararam não utilizá-los. Já na Feira do Mogico, em Juiz de Fora, todos os entrevistados (100%) relataram dispor de pelo menos um outro canal de comercialização.

A tabela a seguir apresenta a pluralidade de espaços e canais utilizados pelos participantes, combinando canais de comercialização direta, como feiras e outros circuitos curtos de comercialização (CCC) com canais associados aos circuitos longos, incluindo a venda por meio de atravessadores. De acordo com Guerrero et al. (2020), agricultores agroecológicos tendem a diversificar seus canais de comercialização para fortalecer sua autonomia e reduzir vulnerabilidades econômicas.

Tabela 1 - Outros canais de comercialização utilizados pelos(as) feirantes

Outros espaços de comercialização
Entrega a domicílio, cooperativas, lojas, encomendas, grupos de consumo responsável, feira, vendas online, PNAE, PAA, atravessadores, evento de culinária vegano, vendas em delivery e loja própria.

Fonte: Elaboração própria

Apesar de utilizarem outros canais de comercialização para escoamento de suas produções, na Feira de Muriaé sete dos onze feirantes relataram que precisaram aumentar sua produção em função da feira, enquanto quatro responderam que não foi necessário. Já na Feira do Mogico, todos os entrevistados (100%) afirmaram ter aumentado sua produção em decorrência da participação na feira.

5 CONCLUSÃO

A análise das feiras orgânicas e agroecológicas de Juiz de Fora e Muriaé evidencia a pluralidade de contextos socioeconômicos e produtivos que compõem os circuitos curtos de

comercialização na Zona da Mata Mineira. Juiz de Fora, município de maior porte e com indicadores econômicos e sociais mais elevados, apresenta uma feira consolidada, marcada por uma gestão estruturada e pela presença de produtores com níveis mais altos de escolaridade e experiência na produção orgânica certificada. Já Muriaé, embora possua menor dinamismo econômico, destaca-se pela forte mobilização social e pelo protagonismo da agricultura familiar, consolidando uma feira baseada na autogestão, na cooperação e na confiança entre produtores e consumidores.

As diferenças entre as duas experiências revelam distintas formas de inserção econômica e social dos agricultores. Na Feira Orgânica do Mogico, a atividade tende a se configurar como uma fonte complementar de renda, associada a uma visão mais urbana e à valorização da certificação formal dos produtos. Em contrapartida, na Feira Agroecológica de Muriaé, a comercialização representa a principal fonte de sustento para a maioria dos feirantes, reafirmando a importância da feira como espaço de geração de renda, fortalecimento da agricultura familiar e ampliação das práticas agroecológicas. Essa distinção reflete tanto as condições estruturais de cada município quanto às trajetórias de organização dos grupos envolvidos.

Observa-se ainda que, apesar das diferenças em termos de escolaridade, certificação e tempo de experiência, ambas as feiras desempenham papel fundamental na promoção da sustentabilidade, na valorização do trabalho rural e na construção de relações econômicas mais solidárias e transparentes. As iniciativas analisadas demonstram que os circuitos curtos de comercialização não apenas aproximam produtores e consumidores, mas também contribuem para a reconfiguração dos sistemas alimentares locais, fortalecendo a autonomia dos agricultores e incentivando o consumo consciente.

Em síntese, tanto a Feira Orgânica do Mogico quanto a Feira Agroecológica de Muriaé se afirmam como experiências exitosas de organização social, comercialização justa e difusão de práticas sustentáveis. Ainda que enfrentam desafios relacionados à gestão, à certificação, à diversificação da produção e à logística, ambas representam importantes instrumentos de resistência e transformação social no território da Zona da Mata Mineira. Seu fortalecimento depende da continuidade de políticas públicas voltadas ao apoio à agroecologia, à economia solidária e à agricultura familiar, capazes de assegurar a permanência dos agricultores no campo e a construção de cidades mais sustentáveis e integradas ao meio rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, M.A. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3. Ed. São Paulo: Editora UFRGS, 2012.
- BORGUINI, Renata; TORRES, Elizabeth. **Alimentos Orgânicos: Qualidade Nutritiva e Segurança do Alimento**. Campinas, p. 64-75, 2006.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Instrução Normativa 019, 2009. **Aprova os mecanismos de controle e informação da qualidade orgânica**. Disponível em <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=78103>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
- BRASIL. Portal Gov.br. **O que são produtos orgânicos?** Disponível em <https://www.gov.br/>. Acesso em: 15 de nov de 2025.
- Brasil. **Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Diário Oficial da União. 23 dez. 2003.
- COELHO, Anna Lígia Alves; ROCHA, Enedinair da Cunha; GONÇALVES, Ricardo Júnior de Assis Fernandes. **Feiras livres: espaços da economia solidária, diálogo de saberes e resistência cultural camponesa em Iporá, Goiás**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2018. Anais [...]. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Iporá, 2018.
- COSTA, Bianca Aparecida Lima; DOS SANTOS, Carla Cristina Balbino; PRIORE, Silvia Eloiza. **Aproximando produção e consumo: a experiência do projeto de extensão “Quintal Solidário”**. Revista ELO–Diálogos em Extensão, v. 8, n. 1, 2019.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica de Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DUBEUX, Ana; BATISTA, Marcela Peixoto. **Agroecologia e economia solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional**. REDES: Revista do Desenvolvimento Regional, v. 22, n. 2, p. 227-249, 2017.
- FLORIÔ. Associação de Agricultura Orgânica e Agroecologia da Zona da Mata/ MG. Disponível em <https://floriô.org.br>. Acesso em: 15 de novembro de 2024;
- GUERRERO, R. R., HERNÁNDEZ, R. P. O., VILLARREAL, O. M., & HERNÁNDEZ, J. M. (2020). **Agroecología y derecho humano a la alimentación. Experiencias campesinas de alternativas para el desarrollo rural y urbano**. Ixaya. Revista Universitaria de Desarrollo Social, (18), 11-36.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Portal do IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 de Janeiro de 2024.
- MATTOS, S. M. N. de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica: desenhando o projeto e a pesquisa**. Vol. 2. Cachoeirinha: Editora Fi, 2024.

PEREIRA, Viviane; BRITO, Tayrine; PEREIRA, Samanta. **A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG)**. Revista Ciências Humanas, v. 10, n. 2, 2017.

RESENDE, Eugênio; COSTA, Bianca; SILVA, Márcio; PADILLA, Mámen; PÉREZ, Isabel; SILVA, Ihedilla. REGULAMENTAÇÃO DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA SUA ADEQUAÇÃO AOS SISTEMAS PARTICIPATIVOS DE GARANTIA. **Revista de Gestão Social e Ambiental**. Vol.17, p. 1-16. dez,2023. Disponível em: <<https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/download/3418/1319/13978>> . Acesso em: 03 dez, 2024.

ROVER, O. J.; DAROLT, M. R. Circuitos Curtos de Comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar e agroecológica. In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. **Circuitos Curtos de Comercialização, Agroecologia e Inovação Social**. Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo, 2021. p. 19-42.

SANTANA, José; GERVAIS, Ana; MATTOS, Jorge. Organização social e produção orgânica em territórios agroecológicos de reforma agrária no estado de Alagoas. **Desenvolvimento do Meio Ambiente**. UFPR. Vol. 62, p. 617-638, jul, 2023. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/374564997_Organizacao_social_e_producao_organica_em_territorios_agroecologicos_de_reforma_agraria_no_estado_de_Alagoas/citation/download>. Acesso em: 01 dez, 2024.

SOUZA, Jalyne; COELHO, Roberta. **Sistema Participativo de Garantia (SPG): Passo a Passo da formalização**. Séries Caminhos na Agroecologia. V.4, p.9-26, 2020

APÊNDICES

APÊNDICE A- ROTEIRO DOS FEIRANTES

Nome			
Gênero	() Feminino () Masculino () Transgênero () Não binário () Prefiro não dizer () Outros	Idade	
Cidade		Raça/Etnia: () Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena	
Contato			
Grau de escolaridade	() Sem instrução formal () Ensino fundamental completo () Ensino fundamental incompleto, () Médio completo () Médio incompleto, () Superior completo () Superior incompleto () Pós-graduação		

DIMENSÃO CULTURAL (Sociocultural)

- O que você produz? () Artesanatos () Hortifruti () Alimentos processados () Outros
 - Descreva os produtos:
 - Desde que ano comercializa na feira/ou há quantos meses? Ano 20_____
 - Conhece como a feira foi criada? () Sim () Não. Se sim, poderia nos contar?
 - Participou desta criação? () Sim () Não
 - Quais os principais organizadores/apoiadores da feira? () Prefeitura () Emater () Universidade e/ou Instituto Federal () Associação, sindicato ou cooperativa de agricultores(as) () ONG (explicar/dar exemplos) () Consumidores(as) () Outros: _____
 - Precisou cumprir algum critério para participar da feira? () Sim () Não. Se sim, qual?
 - Participa diretamente da organização da feira? () Sim () Não
Se sim, de que forma? () Coordenação () Reuniões () Comissões () Outros
 - Na sua opinião, como são tomadas as decisões da feira? () Apenas uma pessoa decide. Quem? _____ () Poucas pessoas decidem. Quem? _____ () Todos os feirantes decidem coletivamente.
 - Como você percebe as relações entre os membros da feira de forma geral?
() Individualistas () Cooperativas
 - Recebe algum tipo de apoio para além da feira? () Sim () Não
Se sim, de quem? () Prefeitura () Emater () Universidade e/ou Instituto Federal () Associação, sindicato ou cooperativa de agricultores(as) () ONG (explicar/dar exemplos) () Consumidores(as) () Outros?
De que forma?
 - Participa de algum empreendimento ou organização?
() Sim () Não
Se sim, qual/is? () Cooperativa () Associação () Outros
-
- Tem o hábito de fazer doação ou troca dos produtos na feira? () Sim () Não
 - Você tem consumidores(as) fixos(as) (compram sempre? () Sim () Não. Quantos em média?

0. Quantas pessoas, em média, consomem/compram seus produtos, por feira?
0. Os hábitos dos(as) consumidores(as) influenciam na sua forma de produzir seus produtos? () Sim () Não. Se sim, como? _____
0. Quais as vantagens de participar da feira?
- () Comercialização direta () Organização coletiva () Acesso a mais informações e trocas de experiências/saberes () Acesso a políticas públicas e recursos () Autonomia na produção () Contato com os consumidores(as) () Outros _____
0. Quais as principais dificuldades enfrentadas pela feira?
- () Comercialização baixa () Deslocamento () Organização da feira () Pouco envolvimento dos feirantes na organização () Outros _____

Socioeconômico

0. Há quanto tempo trabalha com essa atividade? () Sempre trabalhou _____ anos _____ meses
0. A atividade desenvolvida na feira é a sua principal fonte de renda? () Sim () Não
0. Renda mensal da atividade exercida na feira () Até um salário mínimo () De um a dois salários mínimos
- () De dois a três salários mínimos () De três a cinco salários mínimos () Mais de cinco
0. Possui algum desses documentos?
- () CAF (Cadastro Nacional da Agricultura Familiar)
- () DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf)
- () Carteira de Artesã/ão ou algum documento similar?
- () Não possui nenhum
0. Já acessou ou acessa alguma política pública? () PAA () PNAE () Pronaf () Bolsa família () Crédito fundiário () Outras. Quais?
0. Quanto consegue escoar/vender sua produção na feira? () até 25% () até 50% () até 75% () até 100%
0. Precizou aumentar sua produção por conta da feira? () Sim () Não
0. Tem outros canais de comercialização? () Sim () Não. Se sim, quais? _____
- () Entrega a domicílio () Cooperativas () Encomenda () Lojas () Grupos de consumo responsável () Feira livre () PAA () PNAE () Vendas online () Outros: _____
0. Como são definidos os preços dos produtos?
- () Faço pesquisa de preços () Cálculo os custos e adiciono uma porcentagem em cima () Coloco um valor que acho que meu produto vale () Não faço nenhuma das anteriores, tenho dificuldade para definir preços () Outros: _____
0. Quantas pessoas trabalham na atividade produtiva?
0. Há trabalho de pessoas que não sejam da família? () Sim () Não. Se sim, qual a forma de remuneração? () Salário mínimo () Diarista () Outras, quais? _____

Caso seja agricultor(a)

0. Qual a forma de acesso à terra? () Própria () Arrendamento () Assentamento () Outro: _____
0. A terra/contrato está no nome de quem? _____

0. Qual o tamanho da propriedade (ha)? _____
0. Qual o tamanho da área produtiva (ha)? _____

Caso seja artesã(o)

0. Porque escolheu esse tipo/estilo de artesanato?
- () Família () Financeiro () Cultural () Outros: _____
0. Já fez algum curso de especialização? () Sim () Não. Se sim, quem promoveu? () Prefeitura () Emater () Universidade e/ou Instituto Federal () Associação, sindicato ou cooperativa de agricultores(as) () ONG (explicar/dar exemplos) () Consumidores(as) () Outros? _____
0. Você se organiza coletivamente para produzir seus produtos, apenas para comercializar, ou para ambos? () Produzir () Comercializar () Ambos

Caso produza alimentos processados

0. Porque escolheu esse tipo/estilo de alimento?
- () Família () Financeiro () Cultural () Outros _____
0. Já fez algum curso de especialização? () Sim () Não. Se sim, quem promoveu? () Prefeitura () Emater () Universidade e/ou Instituto Federal () Associação, sindicato ou cooperativa de agricultores(as) () ONG (dar exemplos) () Consumidores(as) () Outros _____
0. Possui os alvarás e licenças exigidas para sua produção? () Sim () Não. Se sim, qual(is)? _____
0. Onde você produz? () Cozinha de casa () Agroindústria familiar () Agroindústria coletiva () Cozinha coletiva () Outros: _____
1. _____

Socioambiental

0. Qual tipo de manejo realizado?
- () Convencional () Sem Agrotóxico () Em transição agroecológica () Agroecológico
- () Orgânico
0. Caso produza orgânico ou agroecológico,

*Caso produza orgânico/em transição/agroecológico:

Tem certificação? () Sim () Não. Se sim, qual tipo de certificação ou mecanismo de garantia? () SPG (Sistema Participativo de Garantia) () OCS (Organismo de Controle Social) () Auditoria

- O que levou a cultivar orgânico/agroecológico?

() Saúde individual e/ou da família () Preocupação com o meio ambiente ()

Produção é mais rentável/valor agregado nos produtos () Outros: _____

- Quais são as vantagens?

() Produtos mais saudáveis
mercados/comercialização

() Valor agregado nos produtos
consumidores

() Produção e manejo sem uso de agrotóxicos
insumos

- E os desafios?

() Acesso a

() Conscientização dos

() Acesso à informação sobre

☐ Outros: _____ e práticas de manejo ☐ Outros: _____ - Há quanto tempo produz produtos orgânicos/agroecológicos ou em transição/agro ecológicos? ☐ A menos de um ano ☐ Entre 1 – 3 anos ☐ Entre 3 – 5 anos ☐ Mais de 5 anos ☐ Mais de 10 anos ☐ Mais de 15 anos ☐ Mais de 20 anos	☐ _____
--	--------------------------------

0. Como você faz para definir o que vai produzir? **(PROCESSADOS E HORTIFRUTI)**

☐ Produzo produtos da época - sazonais ☐ Escolho a partir dos meus hábitos alimentares ☐ Escolho a partir dos hábitos dos consumidores ☐ Outros: _____

0. Onde você consegue a matéria prima para confecção de seus produtos? ☐ Eu produzo toda minha matéria prima ☐ Eu compro de lojas especializadas ☐ Eu reaproveito ☐ Eu reciclo ☐ Eu compro em lojas de atacado e varejo ☐ Internet ☐ Outros: _____

0. Quais são os tipos de embalagens que você utiliza para comercialização de seus produtos? ☐ Convencionais ☐ Biodegradáveis/compostáveis ☐ Reaproveitadas ☐ Outros: _____

Dimensão de gênero

0. Quem trabalha na atividade produtiva? _____

0. Descrição das atividades na unidade produtiva por gênero

0. :

Plantio ☐ Homens ☐ Mulheres **Roçado** ☐ Homens ☐ Mulheres **Adubação** ☐ Homens ☐ Mulheres **Colheita** ☐ Homens ☐ Mulheres **Guardar as sementes** ☐ Homens ☐ Mulheres **Comercialização na feira** ☐ Homens ☐ Mulheres **Cuidados da casa** ☐ Homens ☐ Mulheres **Cuidados com crianças e idosos** ☐ Homens ☐ Mulheres **Comercialização em outros mercados (por exemplo, caso produza café)** ☐ Homens ☐ Mulheres

0. A decisão sobre o uso da renda obtida na feira fica com quem? ☐ Homem ☐ Mulher ☐ Família

0. Normalmente, quem toma as decisões acerca da produção (o que vai ser produzido, como vai ser produzido)? ☐ Homem ☐ Mulher

0. Acessa ou acessou alguma política pública específica para as mulheres? ☐ Sim ☐ Não. Se sim, qual/is? _____

0. Participa de algum projeto formativo específico para mulheres? ☐ Sim ☐ Não. Se sim, qual? _____

Quem promove? ☐ Prefeitura ☐ Emater ☐ Universidade e/ou Instituto Federal ☐ Associação, sindicato ou cooperativa de agricultores(as) ☐ ONG (explicar/dar exemplos) ☐ Consumidores(as) ☐ Outros: _____

0. Na sua opinião, qual é a importância da participação das mulheres em espaços como os das feiras? ☐ Participação social e política ☐ Autonomia financeira ☐ Bem estar pessoal ☐ Outros: _____

0. Como é a participação das mulheres na feira? _____

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA LIDERANÇA

Nome				
Gênero		Idade		
Cidade		Raça/Etnia: () Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena		
Contato				
Grau de escolaridade	() Sem instrução formal () Ensino fundamental completo, () Ensino fundamental incompleto, () Médio completo () Médio incompleto, () Superior completo (curso), () Superior incompleto (curso) () Pós-Graduado			
Relação com a iniciativa:				
E-mail:				
Mídias Sociais da Iniciativa:				
Telefone				

ORGANIZACIONAL (Sociopolítico)

1. Nome do empreendimento/feira/CCC:
2. Conte um pouco sobre o que é a iniciativa. (Ano que surgiu, motivos da criação, organizações envolvidas).
3. A iniciativa é formalizada? () SIM () NÃO
4. Recebeu ou recebeu algum tipo de apoio/assistência? Qual tipo? Descreva. Recebeu algum tipo de subvenção, investimento? Se sim, qual(is)? A feira já conseguiu acessar alguma política pública (editais, outros)?
5. Quais os princípios e valores da iniciativa?
6. Existe alguma regra/critérios para participação de consumidores(as) e produtores(as)? Quais?
7. Quantas famílias participam da iniciativa?
8. Quais os tipos de pessoas que se envolvem na iniciativa? Descreva o perfil. Pessoas mais velhas, mais alternativas, famílias, estudantes...
9. Quantos homens e mulheres participam (incluindo apoiadores)? _____ Mulheres
_____ Homens
10. Há muitas entradas e saídas de pessoas na iniciativa?
11. Qual a média de consumidores abarca a iniciativa?
12. Quais produtos são vendidos na feira/rede?
13. Tem produtos que vêm de outras iniciativas de CCC (cooperativas, associações, redes e etc)? Ou todos são produção própria? Qual percentual de fora, caso haja.
14. Há venda de produtos agroecológicos ou orgânicos? Se sim, há selos ou mecanismos de garantia (Quais)?
15. Se tem ideia da distância do abastecimento? De onde vêm os produtos? Há critérios em termos de quilômetros?
16. Existe equipe ou pessoal contratado para organização, divulgação e manutenção da feira? Descreva.
17. Possui regimento interno, regras de convivência ou estatuto? () SIM () NÃO

18. Quais os órgãos de decisão e gestão da iniciativa? Qual o procedimento para tomada de decisão? Há um planejamento conjunto das atividades?
19. Como avalia a participação dos envolvidos na iniciativa? As pessoas se sentem parte de um coletivo na sua avaliação?
20. Quais são as principais motivações das pessoas que participam (tanto produtores quanto consumidores)?
21. A iniciativa consegue absorver tudo que é produzido pelos produtores? quais outros canais são acessados?
22. A iniciativa gerou outras formas de organização, distribuição ou comercialização?
23. São realizadas ações de formação e/ou sensibilização promovidas pela iniciativa? Se SIM, cite alguns exemplos que foram feitos:
24. Os membros promovem processos de formação e socialização de tecnologias produzidas e utilizadas em seus processos de produção?
25. A iniciativa apoiou com assessoramento ou apoio econômico os produtores ou consumidores para a produção agroecológica ou orgânica?
26. Como os membros definem os preços? Há critérios ou acordos coletivos?
27. Quais os principais produtos que mais se consome na iniciativa?
28. Considera importante o uso e venda de produtos locais? Exemplos?
29. Os produtos frescos são exclusivamente de temporada? Se não, há discussões sobre este tema?
30. Há formas de trocas de bens e serviços sem utilização de dinheiro? Esta iniciativa é incentivada?
31. Se a iniciativa iniciou antes da pandemia, qual foi o impacto? Quais as adequações foram realizadas? Como se avalia?
32. Quais são as principais dificuldades da feira?
33. Quais as principais potencialidades/fortalezas?
34. Conhece iniciativas similares?
35. Participam com outras organizações em outras atividades?
36. Algo a acrescentar?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Agroecologia e sistemas alimentares localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização**”. Nesta pesquisa pretendemos analisar os circuitos curtos de comercialização com intuito de compreender a abrangência, os benefícios socioeconômicos, ambientais e as inovações sociais presentes nas iniciativas envolvidas com o Polo Agroecológico Zona da Mata Mineira, visando subsidiar políticas públicas no campo da agricultura familiar, agroecologia e economia solidária no Estado de Minas Gerais. O motivo que nos leva a estudar a importância destes mercados para a agricultura familiar é a proposta de uma reconexão entre produção e consumo, com a valorização do local e das relações de

proximidade, comumente denominadas como circuitos curtos de comercialização de alimentos. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: entrevistas que durarão 1 hora e 30 minutos em média. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em constrangimentos em relação às perguntas. A pesquisa contribuirá para a visibilidade e elaboração de políticas públicas.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na sala 213 do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa, e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 10 anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, eles serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa Agroecologia e sistemas alimentares localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização, de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas

informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome do Pesquisador Responsável: Bianca Aparecida Lima Costa

Endereço: RAIMUNDO ALVES TORRES, 65 RAMOS – 103, VIÇOSA MINAS GERAIS
CEP: 36570000

Telefone: (31) 3899-1317

E-mail: bianca.lima@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3612-2316

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante